

## TEOLOGIA PARA O CAMPO: A EXPERIÊNCIA DAS PRIMEIRAS MISSÕES EM MOÇAMBIQUE

**RAWDERSON RANGEL PORTO PEREIRA**

Doutorando em *World Christian Studies* pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary*, EUA. Missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira da CBB, em Moçambique. Escritor e professor de idiomas bíblicos. Natural do Rio de Janeiro, RJ. E-mail: rawderson@hotmail.com.br.

## TEOLOGIA PARA O CAMPO: A EXPERIÊNCIA DAS PRIMEIRAS MISSÕES EM MOÇAMBIQUE

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo demonstrar que a preparação teológica bem fundamentada é uma necessidade para o cumprimento da missão. A capacitação teológica do missionário proporciona melhores condições para o enfrentamento de situações a serem vivenciadas no campo. O missionário enfrentará diferentes perspectivas teológicas que devem ser tratadas segundo uma fundamentação consistente, ou os problemas relacionados à fé e à cultura se perpetuarão. A investigação apresenta o início do cristianismo em Moçambique, com um panorama do trabalho desenvolvido por anglicanos e presbiterianos no final do século XIX e o início do século XX, que se concentrou na região sul desse país, onde as primeiras denominações evangélicas chegaram. Relata-se a ação missionária desenvolvida inicialmente pelos próprios moçambicanos, de acordo com diferentes formas de capacitação recebidas. Também aborda a chegada dos missionários transculturais vindos da Europa, o modo como eles assumiram os ministérios e trataram alguns dos aspectos da cultura local. O trabalho missionário de anglicanos e presbiterianos tem diferenças no seu estabelecimento, mas os desafios teológicos locais apresentam semelhanças. Analisá-los pode ajudar na compreensão da importância da capacitação teológica bem fundamentada. O artigo demonstrará que diferentes culturas têm seus pressupostos teológicos que precisam ser considerados pelo missionário. A partir da perspectiva local, a fundamentação bíblica para as mudanças deve ser apresentada, acima de qualquer interpretação cultural. A capacitação de um obreiro nacional pode ser mais complexa devido ao fato de que determinadas mudanças a serem realizadas são parte da sua cultura e tradições, vistas por ele como elementos que envolvem não apenas a cultura, mas também suas origens.

**Palavras-Chave:** Capacitação. Cultura. Missão. Moçambique. Teologia.

## TEOLOGIA PARA O CAMPO: A EXPERIÊNCIA DAS PRIMEIRAS MISSÕES EM MOÇAMBIQUE

### **Abstract**

This article aims to demonstrate that excellent theological preparation is essential for the mission. The best equipped the missionary is, the less problems in the field the missionary will have. The missionary will face different theological perspectives that a consistent basis must deal with, or difficulties related to faith and culture will perpetuate. This investigation presents the beginning of Christianity in Mozambique, with an overview of the work developed by Anglicans and Presbyterians in the late nineteenth and early twentieth century. The work focuses on the southern region of the country, where the first evangelical denominations arrived. The missionary action developed from the natives is reported according to the different forms of training they received. The paper also discusses the arrival of cross-cultural missionaries from Europe, how they assumed the ministries and dealt with some aspects of the local culture. The Anglicans and Presbyterians missionary's work has differences in its establishment, but local theological challenges have similarities. Analyzing these problems can help to understand the importance of theology equipment. The article will demonstrate that different cultures have their theological presuppositions that the missionary should consider. From the local perspective, biblical changes must be presented above any cultural behavior. The training of a national missionary can be more complex since specific changes are native's culture and traditions part, seen by the national missionary as elements that involve culture and origins.

**Keywords:** Culture. Mission. Mozambique. Theology. Training.

## Introdução

As denominações cristãs europeias retornaram ao sul do continente africano principalmente depois de 1885, após a Conferência de Berlin, que redefiniu a geopolítica na região. Se a motivação era o reino dos céus, ou os reinos da terra, é discussão para outra oportunidade. O fato é que chegaram missionários de diversas denominações com a Bíblia em uma mão, e o acordo internacional em outra.

## A missão anglicana e os mineiros da África do Sul

Esse período é também marcado pela migração de moçambicanos para trabalhar nas minas de ouro e diamante ao sul da África do Sul[1]. O trabalho missionário da missão anglicana nessas comunidades levou muitos moçambicanos à conversão e capacitação dos novos convertidos para a pregação, evangelização e escolas de alfabetização[2]. Em pouco tempo, eram os próprios moçambicanos que, deixando o trabalho nas minas, evangelizavam os companheiros nos alojamentos[3]. Eles iniciaram igrejas e dirigiram comunidades para o seu próprio povo[4]. O serviço era realizado sob a supervisão dos anciãos da igreja[5].

De volta ao seu país, os moçambicanos convertidos estabeleceram comunidades cristãs na região sul e litorânea da colônia portuguesa. Além de evangelizar, abriam escolas em suas comunidades, alfabetizavam utilizando a Bíblia e outros materiais didáticos[6]; eles treinavam outros moçambicanos para a obra de evangelização.

---

[1] Apenas nos anos entre 1902 e 1906 estima-se em mais de 179.000 moçambicanos que cruzaram a fronteira para a África do Sul in SAÚTE, A. R. O Intercâmbio entre os Moçambicanos e as Missões Cristãs e a Educação em Moçambique: A Missão Anglicana de Santo Agostinho - Maciene, 1926/8 - 1974. Maputo: Promédia, 2005, p. 78.

[2] SAÚTE, 2005, p. 80.

[3] SENGULANE, H. Uma História do Anglicanismo em Moçambique: A sub-estação da Escola-Igreja de S. João Baptista de Buquene, Zandamela 1936 - 1961. Maputo: Alcance Editores, 2020, p. 87.

[4] SAÚTE, 2005, p. 98.

[5] ELPHICK, R. (ed.); DAVENPORT, R. (ed.). Christianity in South Africa: A Political, Social, and Cultural History. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 251 Apud SAÚTE, 2005, p. 88.

[6] SAÚTE, 2005, pp. 108, 109.

Estima-se que cerca de quarenta por cento dos mineiros convertidos assumiu o compromisso de iniciar uma igreja e promover o desenvolvimento econômico e social na sua região[7]. Era comum nas aldeias da região de Maciene haver um local construído para a realização dos serviços religiosos[8]. A forma de culto e vida em sociedade eram transformadas pelos mineiros convertidos, às vezes, de forma exagerada[9].

Os moçambicanos, pela formação recebida, entendiam que determinados ritos não deveriam ser realizados pelos evangelistas nacionais. Por esse motivo, a autoridade eclesiástica estrangeira foi convocada para a realização deste trabalho[10]. Apoiados pelos cristãos nativos[11], os missionários estrangeiros chegaram para ocupar um espaço vago e os moçambicanos continuaram a evangelizar em locais aonde os europeus não podiam chegar[12].

### **A missão presbiteriana dos Spelonken**

Na região de *Spelonken* (ao norte da África do Sul), missionários presbiterianos europeus foram apoiar uma igreja composta por membros da tribo Tsonga, vindos de Moçambique. O ardor missionário dos *Spelonken* teve início com um africano que animou a recém-constituída igreja a enviar e apoiar economicamente[13] missionários para o país vizinho[14]. Yosefa foi convidado a assumir esse ministério. O preparo dele e de sua equipe foi de quatro meses e trinta dias[15]. Em 1882, eles foram enviados com suas famílias para o sul de Moçambique[16].

---

[7] SAÚTE, 2005, pp. 98, 99.

[8] STOWELL, Donald F. **In Lebombo with the Chopi**, in *L.L. XXVII*, 56, 1929, p. 89 Apud SENGULANE, 2020, p. 25, 103.

[9] Saúte menciona até mesmo as roupas que os convertidos passavam a usar, sendo considerado uma evidência de novo nascimento na visão dos missionários europeus, in SAÚTE, 2005, pp. 102-104.

[10] SAÚTE, 2005, p. 128.

[11] SAÚTE, 2005, p. 122-128.

[12] SAÚTE, 2005, p. 143.

[13] HARRIES, P. **Junod e as Sociedades Africanas**. Tradução de António Virgílio da Costa Oliveira e Eduardo José Viegas. Maputo: Paulinas, 2007, p. 78, 84; HASTINGS, Adrian. *The Church in Africa, 1450-1950*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 78.

[14] BUTSELAAR, J. V. **Africanos, Missionários e Colonistas: as origens da Igreja Presbiteriana de Moçambique (Missão Suíça), 1880 - 1896**. Tradução de Francisco da Cruz. Lausanne: Département Missionnaire des Eglises Protestantes de la Suisse Romande, 1987, pp. 34, 35.

[15] HARRIES, 1994, p. 441.

[16] HARRIES, 2007, pp. 78, 79.

A obra realizada pelos missionários em Moçambique era acompanhada por carta e com algumas viagens. Os missionários europeus concluíram que o trabalho estava em boas mãos e tudo indicava para o surgimento de uma igreja nativa auto propagadora, autogovernada e autossustentável[17]. No entanto, Yosefa passou a relatar os desafios que enfrentava e a missão suíça, enviou uma equipe liderada por Paul Berthoud para apoiá-lo[18]. A presença dos missionários europeus também daria suporte teológico à equipe presente, pois esta era uma debilidade percebida desde o início, quando Yosefa e os demais missionários saíram para o campo[19].

Os primeiros cultos foram suficientes para que os europeus se impressionassem com o que viam: práticas sincretistas estavam impregnadas nas cerimônias cristãs; Feiticeiras convertidas dirigiam os cultos com os mesmos ritos que em seus ofícios anteriores[20]. Os sofrimentos humanos para a salvação eram mais valorizados que os de Cristo. Qualquer testemunho envolvendo visões e sonhos era indiscutivelmente aceito por parte da congregação como provenientes do Espírito Santo, assim como a forma de culto[21].

Berthoud relacionou esse comportamento à falta de preparação teológica e eclesiológica sólida. A presença esporádica e a falta de um acompanhamento mais próximo dos líderes das igrejas foram outras razões apontadas para os problemas encontrados[22]. Berthoud concluiu que os de Spelonken não estavam à altura da missão[23]. Decidiu-se por destituir alguns líderes, entregar o trabalho de maior influência a missionários estrangeiros e acompanhar aos demais. Esta decisão teve consequências para as igrejas, que questionavam a forma como o processo era realizado. A decisão teve consequências no desenvolvimento do trabalho das igrejas cujos relatórios se falava de um avivamento[24].

---

[17] HARRIES, 2007, pp. 81, 82.

[18] BUTSELAAR, 1987, p. 92.

[19] BUTSELAAR, 1987, p. 94.

[20] BUTSELAAR, 1987, p. 78.

[21] HARRIES, 2007, p. 86; BUTSELAAR, 1987, pp. 97, 98.

[22] BUTSELAAR, 1987, p. 89, 101.

[23] BUTSELAAR, 1987, p. 98, 99.

[24] BUTSELAAR, 1987, pp. 99-104.

## Conflitos entre a cultura e a teologia

Apesar de denominações e estabelecimento das missões diferentes, problemas relacionados à cultura foram enfrentados de forma semelhante pelos missionários. O pagamento de esposas (*lobolo*), as cerimônias aos antepassados e a poligamia eram práticas que na visão dos europeus evidenciavam respectivamente a escravidão, reverência aos mortos e perversão sexual.

Os argumentos para mudar o comportamento dos nativos eram teologicamente bem fundamentados, porém, os cristãos africanos tinham também as suas razões para estas práticas. Para eles, a morte não era o fim de tudo porque os mortos continuavam a ser parte da sociedade em outra comunidade; a proibição de cultos aos ancestrais representava quebra de laços familiares[25]; o *lobolo* ligava os antepassados, os participantes da cerimônia e os noivos; a poligamia era um sinal de prosperidade, pois uma prole grande era a garantia da sobrevivência daquela família pelo apoio mútuo e aposentadoria na velhice; muitos filhos poderiam cuidar melhor da agricultura de subsistência; era também um amparo às mulheres pela escassez de homens como consequência das guerras, escravidão e enfermidades.

Os nacionais não viam estes costumes como incompatíveis com o evangelho[26]. A solução, no entanto, foi ocultar essas práticas, respeitando os missionários e mantendo o comportamento com os conterrâneos[27]. Mas, na visão dos nativos, o vício da bebida alcoólica e da música europeia também eram considerados pecados e o fato de os missionários beberem e ouvirem música clássica tirava dos europeus qualquer autoridade[28].

---

[25] JAIME, S. **Entreter para Converter: A Música Coral na Igreja Metodista Episcopal em Moçambique (1890 à 1968)**. Maputo: Kulungwana, 2017, p. 25; Patrick Harries. *Junod e as Sociedades Africanas*, p. 88.

[26] BUTSELAAR, 1987, p. 74; SAÚTE, 2005, pp. 296.

[27] SAÚTE, 2005, pp. 266, 300.

[28] BUTSELAAR, 1987, p. 79, 80.

## **Considerações finais**

Sem pretender julgar os personagens anteriormente descritos, algumas observações devem ser destacadas: uma capacitação teológica sólida auxilia no processo de expansão do evangelho; nada justifica uma débil capacitação ou a falta de preparação. É certo que a missão é urgente; a capacitação, no entanto, é essencial para evitar problemas futuros.

A preparação teológica não evita todos os problemas, no entanto, contribuiu para que missionário e agência se concentrem em outros desafios. Observou-se que a forma de trabalho desenvolvida pelos moçambicanos foi bastante diferente uma da outra, apesar de estarem a trabalhar na mesma região. A capacitação recebida pelos cristãos anglicanos permitiu que outros problemas enfrentados pela igreja fossem tratados com menor dano para a comunidade.

Finalmente, uma análise das razões pelas quais determinada sociedade desenvolve certo comportamento auxilia a encontrar uma resposta para as dificuldades que devem ser superadas. De uma maneira geral, as culturas têm seus pressupostos e estudá-los pode ser o primeiro passo para as reais transformações que ocorrerão na vida de pessoas regeneradas; o missionário deve considerar que os valores do reino devem estar acima do valor cultural de qualquer cultura (inclusive a dele), e isso deve ficar evidente.



## Referências

BUTSELAAR, J. V. **Africanos, Missionários e Colonistas**: as origens da Igreja Presbiteriana de Moçambique (Missão Suíça), 1880 - 1896. Tradução de Francisco da Cruz. Lausanne: Département Missionnaire des Eglises Protestantes de la Suisse Romande , 1987. 327 p.

CHIZIANE, Pauline. **Niketche: Uma história de poligamia**. Companhia de Bolso: São Paulo, 2021. Kindle ed.

ELPHICK, R. (ed.); DAVENPORT, R. (ed.). **Christianity in South Africa**: A Political, Social, and Cultural History. Berkeley: University of California Press, 1997. 490 p.

HASTINGS, Adrian. **The Church in Africa, 1450-1950**. Oxford: Clarendon Press, 1994. 706 p.

HARRIES, P. **Junod e as Sociedades Africanas**. Tradução de António Virgílio da Costa Oliveira e Eduardo José Viegas. Maputo: Paulinas, 2007. 324 p.

JAIME, Simão. **Entreter para Converter**: A Música Coral na Igreja Metodista Episcopal em Moçambique (1890 à 1968). Maputo: Kulungwana, 2017. 167 p.

**Lei da Família número 10/2004**. Assembléia da República: Publicação Oficial da Presidência da República, Maputo: Imprensa Nacional, 2004, artigo 2.

SAÚTE, A. R. **O Intercâmbio entre os Moçambicanos e as Missões Cristãs e a Educação em Moçambique**: A Missão Anglicana de Santo Agostinho - Maciene, 1926/8 - 1974. Maputo: Promédia, 2005. 328 p.

SENGULANE, H. **Uma História do Anglicanismo em Moçambique**: A sub-estação da Escola-Igreja de S. João Baptista de Buquene, Zandamela 1936 - 1961. Maputo: Alcance Editores, 2020. 212 p.

STOWELL, Donald F. **In Lebombo with the Chopi**, in **L.L. XXVII**, 56, 1929.

---

Texto recebido em 08.10.2021 e aprovado em 27.10.2021